

## LANTERNA DE VAGA-LUMES

Eu brincava de lanterna  
de vidro, com vaga-lumes.

Eu embretava as estrelas  
num cavaleiro de pau,  
me sentia dona delas,  
no universo do quintal.

Ah... meu Deus, que bom seria  
se eu não tivesse crescido  
e as asas da fantasia  
voassem sempre comigo.

Uma menina e sua boneca  
brincando de ser feliz,  
com gemada na caneca  
e na ponta do nariz.

Franja, maria-chiquinha  
e um vestidinho de chita,  
pulando amarelinha,  
encaçapando “bulita”.

São dessas artes, eternas,  
que a infância guarda o perfume.  
Eu brincava de lanterna  
de vidro, com vaga-lumes.

Nestas noites, sem limites,  
indagava, ante o breu,  
quantas estrelas existem  
no infinito do céu?

Quanta emoção me cabe,  
na moldura da lembrança,  
quando acende uma saudade  
desses luzeiros da infância?

Minha alma ficou lá  
neste universo só meu,  
que dava pra iluminar  
com lanterninhas de Deus.

A menina foi tão breve,  
a moça se refugia,  
quando brincando se atreve  
acender-se de poesia.

A lua vem pros meus olhos,  
cheia de estrelas tão alvas...  
Os versos que me dão colo,  
São as lanternas da alma.